

A POSIÇÃO DO QUANTIFICADOR “TODOS” NO DP DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Helena da Silva Guerra Vicente (UnB)

Meu objeto de estudo é o objeto direto de sentenças como “A Maria odeia os alunos todos”. A contraparte inglesa dessa sentença é agramatical (“*Mary hates the students all”), mas, curiosamente, é gramatical quando o objeto é pronominal (“Mary hates them all”). Segundo Boskovic (2004), a explicação para esse contraste estaria relacionada à hipótese, lançada por Koopman (1999), de que, no inglês, objetos pronominais se moveriam, na sintaxe aberta, para uma posição mais alta do que a de objetos lexicais. Assim, enquanto em uma construção com o objeto lexical o Q estaria flutuando em posição-temática (i.e., uma posição proibida para Qs flutuantes, de acordo com Boskovic), na construção com o objeto pronominal o Q teria se inserido tardiamente na derivação, somente após o pronome ter se deslocado para fora do VP. Em seguida, o pronome sofreria novo deslocamento, deixando o Q encaixado em uma posição não-temática. Uma conclusão tentadora em relação ao português seria dizer que, nessa língua, o objeto lexical se comportaria como o objeto pronominal do inglês, podendo mover-se para uma posição mais alta na árvore. Contudo, o que quero mostrar é que essa hipótese não se confirma, devido a uma importante diferença estrutural entre o inglês e o português. A hipótese que defendo neste trabalho é a de que uma sentença como “A Maria odeia os alunos todos” é boa porque o Q, apesar de estar em posição-temática, não se encontra flutuando. Pressupondo-se, como Boskovic, que construções com flutuação e construções sem flutuação apresentam estruturas diferentes, argumentarei a favor de uma análise que considera a construção do português “todos os alunos” elementos de uma única projeção, a saber, uma “projeção nominal estendida”, contendo estrutura extra entre o NP e o DP.

A SINTAXE DE “NADA” E SUA NÃO-NEGATIVIDADE

Jessica Arroiteia (UNICAMP)

A língua de sinais brasileira (LSB) é constituída de sinais de natureza manual e não-manual, que interagem contribuindo para interpretação da sentença. A negação, por exemplo, realiza-se tanto no componente manual quanto no componente não-manual. A LSB conta com dois marcadores negativos manuais: “headshake” (que apresenta caráter comunicativo ou afetivo) e expressão facial de negação, que apresenta caráter gramatical. A análise das sentenças em (1) mostra que a expressão facial (cuja duração é marcada pelos colchetes, seguidos da sigla ef) é sintática, uma vez que é obrigatória para a negação de uma sentença, independentemente da presença de itens manuais.

1a. * EU ENCONTRAR NADA

1b. * EU NÃO ENCONTRAR NADA

1c. EU [ENCONTRAR NADA]ef

1d. EU [NÃO ENCONTRAR NADA]ef

“Eu não encontrei ninguém.”

A insuficiência de NÃO e NADA para negar uma sentença (vide 1ab) põe em xeque o caráter negativo desses itens. Mostro, neste artigo, que o sintagma-n NADA, em especial, (traduzido tanto como “nada” quanto como “ninguém”), não é inerentemente negativo: é um quantificador desprovido de traço negativo, licenciado pela expressão facial. A confirmação desta hipótese justifica a gramaticalidade de sentenças em que o marcador negativo pré-verbal co-ocorre com o sujeito negativo: compare este fenômeno em LSB, em 2, e em italiano, em 3.

2a. NADA ENCONTRAR JOÃO

2b. NADA ENCONTRAR JOÃO_{jef}

“Ninguém encontrou o João.”

3a. nessuno ha visto niente

3b. * nessuno non ha visto niente.

“Ninguém viu nada.”

Mostro, neste artigo, que a gramaticalidade de 2b é explicada pelo fato de NADA ser um item de polaridade negativa (que demanda um licenciador) e de NÃO ser um marcador “fraco”, enquanto a expressão facial é o marcador “forte” desta língua (responsável pela negação da sentença).

A SINTAXE DOS PRONOMES ÉTICOS

Ana Claudia Pinto Bastos (UFPA)

Neste artigo estudo construções com pronomes éticos em português brasileiro (PB). Na oração “O João ME falou cada bobagem para a Maria!”, o pronome ético ME expressa a atitude do falante em relação ao conteúdo central da sentença. Uma característica de construções éticas é a impossibilidade de outro pronome na mesma pessoa gramatical que o pronome ético, funcionando como argumento do verbo.

(1) *Eu ME apresentei a Maria para a Marta.

(2) *A Maria ME apresentou eu para a Marta.

(3) *A Maria ME apresentou a Marta para mim.

Eu proponho que a restrição de pessoa decorre do movimento ilícito do pronome ético em uma configuração de ambiguidade letal no sentido de McGinnis 1997. A configuração de ambiguidade letal é gerada em vP pelos seguintes fatores: o argumento externo é concatenado à estrutura em vP, os argumentos internos movem-se para vP para checar caso e o pronome ético pára em vP, que é uma fase (Chomsky 1998), para ser acessível para movimento para uma projeção A” no domínio de IP. Nesta configuração de especificadores múltiplos, a co-indexação do pronome ético e outros argumentos gera uma contradição que bloqueia o movimento de qualquer um dos elementos co-referentes. Este estudo provê evidência empírica para: a. o movimento dos argumentos internos para vP, b. a projeção de origem do pronome ético em português brasileiro e c. a existência de uma projeção A” em construções éticas. Essa projeção A” é o destino final do pronome ético e funciona como ilha para movimentos A”, como focalização, clivagem e movimento-QU. Além disso, este estudo provê evidência para a proposta de McGinnis 1997 de que ambiguidade letal é capaz de explicar certas restrições de co-referência que não podem ser explicadas pelos Princípios A, B e C da Teoria de Ligação.

CONFIGURAÇÕES DE MÃOS SIGNIFICATIVAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Brenda Veloso (UNICAMP)

Algumas configurações de mãos da Língua de Sinais Brasileira (LSB) têm sido descritas como classificadores, morfemas que se ligam a verbos para formar predicados classificadores. Dessa

forma, a LSB seria uma língua que apresenta verbos classificadores, assim denominados pelo fato de haver variação no radical de acordo com as características dos seus argumentos. O objetivo principal desta pesquisa é analisar as construções “classificadoras” da LSB, juntamente com seus tipos de configurações de mãos, e compará-las com os classificadores das línguas orais, numa tentativa de obter uma melhor compreensão da natureza de tais estruturas, comuns nas línguas de sinais.

FÓRUM DE LEITORES EM JORNAL DE LÁ E DE CÁ – UMA ANÁLISE DO PRONOMINAL DE 3ª. PESSOA

Adriana Amaral Flores Salles (USP)

Diversos trabalhos têm contribuído para uma maior compreensão dos fenômenos lingüísticos que permeiam a sintaxe do português brasileiro (doravante PB) e do português europeu (doravante PE). Tais trabalhos, tomando por base a Sociolingüística Paramétrica e a Sintaxe Gerativa, apresentaram importantes pesquisas acerca de variação e mudança lingüística, e alguns resultados são aqui citados: enquanto no PB se observou a perda da ordem VS, no PE essa continua sendo uma estrutura muito presente; constatou-se que o PB já não tem status de língua pro-drop, pois, em oposição ao PE, prefere o preenchimento do sujeito, e até mesmo a duplicação deste, ao sujeito nulo; o PB, diferentemente do PE, sofreu uma simplificação nos paradigmas flexionais, graças à presença de “a gente” em lugar de “nós” e a ausência dos pronomes “tu” e “vós” em sentenças produzidas por falantes nativos.

O que este trabalho pretende, a exemplo desses, é ampliar os estudos comparativos entre o PB e o PE. Para tanto, será analisado o pronominal ELE em textos enviados por e-mail por leitores de dois jornais: o Estado de S. Paulo (Brasil) e o Diário de Notícias (Portugal), verificando-se o seu comportamento e os fatores que favorecem mais ou menos a sua presença ou ausência.

É importante salientar que ambos os jornais não fazem a revisão dos textos antes de divulgá-los on-line, por isso se pode afirmar que os dados constituem um corpus representativo da gramática de cada uma das variantes do português.

O GERÚNDIO ARGUMENTAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Patrícia de Araujo Rodrigues (PUC-PR)

Este trabalho pretende discutir um uso particular do gerúndio no português brasileiro, o gerúndio “argumental”, ilustrado pelos exemplos (1a), em que o gerúndio aparece como argumento interno do verbo, e (1b), em que o gerúndio aparece como argumento externo do verbo.

(1a) Eu não quero as crianças dormindo até tarde.

(1b) Não me agrada você fumando na frente das crianças.

A adotar-se a classificação tradicional das orações subordinadas, o gerúndio argumental deveria ser classificado como “oração subordinada substantiva reduzida de gerúndio”. Todavia, essa ocorrência do gerúndio não é registrada pela tradição gramatical, que reconhece apenas as orações reduzidas de gerúndio adjetivas e adverbiais. Tendo em vista o caráter inovador dessas construções na língua, o presente trabalho propõe-se a mostrar, em primeiro lugar, que o gerúndio, nesses casos, forma de fato um constituinte único oracional argumento do verbo. Em seguida, após um levantamento das ocorrências do gerúndio “argumental” em PB, este trabalho pretende fornecer uma descrição dos contextos sintáticos em quem esse tipo de gerúndio pode aparecer. Mais especificamente, serão investigadas as propriedades dos verbos que selecionam o gerúndio oracional e o caso associado ao sujeito do gerúndio.

OS OBJETOS COGNATOS E OS ADVÉRBIOS DE MODO

Renata Takilan Frauechs Leung (USP)

A classificação dos objetos cognatos (OCs) tem sido um assunto controverso na literatura. Em Leung (2004), propus a existência de duas classes de OCs: “OCs acidentais” são aqueles que ocorrem com verbos transitivos. Chamei-os “acidentais”, pois são os argumentos temáticos do verbo, morfologicamente cognatos ao verbo. Um exemplo dessa classe é: A Maria comprou uma compra enorme. “OCs verdadeiros” são os que ocorrem com verbos monoargumentais. Seguindo Mittwoch (1997), propus que eles são a realização sintática do argumento evento davidsoniano. Os dados do Português do Brasil (PB) parecem confirmar essa hipótese, como mostrado em Leung (2004). No entanto, ainda há alguns aspectos dessa segunda classe que pedem por mais pesquisas. Um deles - que será abordado neste trabalho - é a sua aparente semelhança com os advérbios de modo, como em: A professora riu uma risada espontânea e a professora riu espontaneamente. No presente trabalho, investigo qual é a relação entre essas duas sentenças: as condições de verdade são as mesmas, ou há alguma diferença? Em outras palavras, os OCs trazem alguma contribuição especial para o significado da sentença, ou têm a mesma função dos modificadores adverbiais? No trabalho, coloco lado a lado a presente análise dos OCs e algumas análises possíveis dos advérbios de modo, a fim de investigar mais de perto essa relação.

UMA ANÁLISE MINIMALISTA PARA AS CONSTRUÇÕES COM TOUGH-MOVEMENT

Irenilza Oliveira e Oliveira (UNICAMP)

Neste trabalho apresento uma análise minimalista para construções com tough-movement (1) com base em dados do inglês.

(1) John is tough to convince.

O fato sintático que gera as questões em torno das TMCs é a lacuna na posição de objeto da cláusula encaixada e a relação entre esta posição e o DP-sujeito da oração matriz. Análises anteriores para as TMCs têm sido contestadas, pois ou dependem exclusivamente de categorias vazias atualmente questionadas dentro da Teoria (Chomsky, 1977, 1981; Hicks, 2003) ou violam princípios universais já consolidados (Bayer, 1990 e Hornstein, 2000).

A propriedade de exibir uma co-interpretação entre o DP-sujeito e uma categoria vazia pós-verbal é uma das características compartilhadas entre TMCs e construções médias do inglês (2).

(2) This wall paints easily.

Também, essas duas estruturas assemelham-se ao (i) expressarem sentido genérico, (ii) indicarem uma propriedade do sujeito sintático, (iii) transmitirem uma interpretação arbitrária do Agente e (iv) exigirem a projeção de um modificador.

Construções médias do fongbê e do mandarim também apresentam o objeto lógico na posição de sujeito. Dikken & Sybesma (1998), defendem que a estrutura sintática dessas construções é caracterizada pela ausência da categoria funcional vP (realizada foneticamente) e que, por isso, essas sentenças não projetam o papel-q externo nem checam o caso acusativo do objeto direto. Assim, para esses autores, a relação semântica entre a posição de objeto vazia e o DP-sujeito sintático é explicada pelo movimento do DP-objeto lógico até SpecTP para checagem de caso.

Considerando tal hipótese correta e as semelhanças entre as duas estruturas, proponho que as TMCs são formadas a partir dos mesmos passos derivacionais requeridos para a formação de sentenças médio-passivas sem marcador medial. Mais especificamente, assumo que as TMCs não projetam vP e resultam do movimento-A do DP-objeto da encaixada até o SpecTP da matriz.